

ELE, SANSON, O CARRASCO DE PARIS

Por Marcos Faerman

Texto publicado no Jornal da Tarde, 21/06/1969

Os Sanson eram homens de talento. Quem conheceu mais do que eles o fio de um machado, a força necessária para a perfeita execução do condenado?

Charles-Henry Sanson foi o mais famoso nesta família de carrascos. Não que Charles Sanson, **o primeiro**, não conhecesse bem o ofício. Afinal, Charles Sanson, em 11 de agosto de 1688, tinha sido promovido, de simples carrasco, a “executor das altas obras e sentenças criminais da vila de Paris.” E o próprio rei da França, Louis, cujo poder ia até Navarra, tinha confirmado Charles Sanson para o lugar que era de Nicola Lavasseur, mais conhecido por **La Rivière**. Os Sanson, em Tours, em Reims, em Rouen, executaram muitas sentenças criminais em nome do rei, até o dia em que Charles-Henry Sanson executou Luis XVI em nome do Tribunal Revolucionário. As histórias daquele 21 de janeiro de 1793 foram contadas com muitas versões em todo o país, Contava-se, nas ruas de Paris, que os botões e farrapos da roupa e da camisa de Louis Capeto, o rei, e que até os seus cabelos, tinham sido vendidos a colecionadores. Falavam que o carrasco, o homem que acionava o estranho aparelho inventado pelo doutor Guillotin e seu amigo Louis – e que por isto era chamado de guilhotina- tinha participado do comércio com os botões, farrapos e cabelos de Louis Capeto.

Sanson ficou indignado. Aquela infâmia. Logo escreveu para o jornal **Le Thermomètre du Jour** (edição de 29 de janeiro de 1793):

- Tomo conhecimento de que está correndo o boato de que eu vendo ou faço vender os cabelos de Louis Capeto. Se foram vendidos, esse comércio infame só pode ter sido exercido por ladrões.

Le Thermomètre du Jour era o jornal mais lido em Paris. Dulaure, um dos redatores principais, publicou no dia 13 de fevereiro de 1793, um artigo com o título de “Relato exatíssimo sobre a morte de Louis Capeto”. Louis XVI, segundo Dulaure, tinha morrido como um covarde. Quem ousou dizer que o artigo era mentiroso foi o carrasco Sanson. Ele escreveu uma carta ao jornal contando tudo o que tinha feito Louis XVI pouco antes do aparelho do doutor Guillotin matá-lo.

- A espécie de pequena discussão que se travou ao pé do patíbulo foi sobre o que ele achava não ser necessário, isto é, tirar a sua casaca e amarrarem-lhe as mãos. Propôs, em seguida, cortar ele

mesmo os seus cabelos. E, a fim de render homenagem à verdade, sustentou tudo isto com um sangue frio e uma firmeza que a todos nos surpreendeu.

Todos os jornais de Paris gostavam de falar de Sanson. Em “Nouveau Paris”, Mercier escreveria:

- “Que homem, esse Sanson. Ele decepa a cabeça que se lhe apresenta, não importa qual”.

Na verdade, Charles-Henry Sanson só gostou mesmo de seu trabalho depois que Guillotin inventou sua máquina de matar. Num dia de abril de 1792, enquanto os espectadores cumprimentavam os doutores Guillotin e Louis pelo sucesso da máquina, que fazia testes num hospital em Bicêtre, Sanson olhava o último cadáver cuja cabeça fora separada do corpo pelo cutelo, sem que sua mão tivesse que empurrar mais do que uma mola e dizia, meio alegre, meio triste:

- Uma bela máquina. Espero que não se abuse desta facilidade.